

## **JUVENTUDE E REDES SOCIAIS: UMA ANÁLISE DE PERCURSOS ESCOLARES INTERROMPIDOS**

Vanessa **Petró** – IFRS/*Campus* Feliz

Agência Financiadora: CNPq

### **Resumo**

O tema deste artigo é a interrupção da trajetória escolar dos jovens, analisado a partir da perspectiva da análise de redes de relações sociais. O objetivo central é compreender a influência que as redes sociais nas quais os jovens estão inseridos exerce no processo de interrupção dos estudos. A análise parte dos conceitos de socialização e de redes de relações sociais. O recorte do estudo abrangeu os estudantes da EJA que cursavam o nível médio, no município de Porto Alegre. Foram aplicados 447 questionários, com o objetivo de identificar o perfil dos estudantes. A etapa qualitativa consistiu na realização de 11 entrevistas sobre a trajetória escolar dos jovens que interromperam os estudos e também os vínculos estabelecidos por eles. Identificou-se que há 3 tipos de redes sociais que exerceram influência na decisão dos jovens de interromper os estudos: redes familiares, redes de amizade e redes institucionais. Os jovens passaram por diferentes processos de socialização ao longo dos seus percursos de vida e a socialização nesses tipos de redes sociais orientou a interrupção dos estudos.

**Palavras-chave:** juventude, redes sociais, descontinuidade escolar

## **JUVENTUDE E REDES SOCIAIS: UMA ANÁLISE DE PERCURSOS ESCOLARES INTERROMPIDOS**

### **Apresentação**

O tema desta pesquisa é a interrupção da trajetória escolar dos jovens, analisado a partir da perspectiva da análise de redes de relações sociais. O estudo tem como objetivo central compreender a influência que as redes de relações sociais nas quais os jovens estão inseridos exercem no processo de interrupção dos estudos. A lente teórica que orientou esta investigação centra-se nos conceitos de socialização e de redes de relações sociais.

A pesquisa que deu sustentação a esse artigo é de natureza quali-quantitativa. O recorte do estudo abrangeu os estudantes da modalidade de Educação de Jovens e Adultos que cursavam o nível médio, no município de Porto Alegre. Analisaram-se as narrativas dos estudantes da EJA com o intuito de compreender as descontinuidades escolares, já que essa é uma característica marcante dos estudantes que compõem a EJA.

Para a realização da pesquisa empírica foram aplicados questionários para uma amostra de 10% dos estudantes da EJA/Ensino Médio, em Porto Alegre, em 2012, totalizando 447 respondentes, com o objetivo de identificar o perfil e as principais características relacionadas ao percurso escolar desses estudantes. A segunda etapa da coleta de dados – abordagem qualitativa – consistiu na realização de 11 entrevistas que buscaram entender a trajetória escolar dos jovens que interromperam os estudos em algum momento da sua trajetória de vida e também identificar os vínculos estabelecidos por eles e que constituem as redes de relações sociais que podem influenciar a decisão de interromper os estudos.

A dificuldade dos jovens para permanecer na escola é um problema social e também um problema sociológico tendo em vista, por exemplo, os estudos sobre este tema desenvolvidos nesta área. Os dados de pesquisas como as realizadas pela Pnad (2012) apontam para uma redução das matrículas no Ensino Médio e também para uma distorção na relação idade-série, o que em geral decorre das reprovações, do abandono ou da evasão escolar. No Ensino Médio, em 2010, 37,8% dos jovens que cursavam este nível de ensino não estavam com a idade adequada para a série que estava sendo cursada.

Embora a educação seja um tema tradicional nos estudos sociológicos (Gohn, 2012), não são encontrados estudos que procuram compreender o tema das descontinuidades escolares a partir da análise de redes sociais, apontando assim novos elementos capazes de explicar o problema apresentando (Marques, 2010). Assim, esse estudo vai além de uma visão que enfoca os atributos ou as características dos jovens pesquisados e enfatiza as relações sociais presentes na sua trajetória de vida e que impulsionam as suas ações.

### **Socialização e redes sociais**

A lente teórica adotada no âmbito dessa pesquisa concebe que as redes sociais são centrais para a compreensão dos fenômenos sociais. Entende-se por redes sociais um conjunto de indivíduos ligados por meio de uma relação, formando um sistema de vínculos que podem ser diretos ou indiretos (Steiner, 2006).

A análise de redes sociais que permite olhar para a estrutura social a partir de uma perspectiva relacional dá centralidade a um elemento básico da sociologia – a interação social. A análise dos fenômenos constitui-se a partir do enfoque nos laços ou nos vínculos entre os indivíduos, e as ações são consideradas à medida que expressam propriedades emergentes da conexão ou ligação entre as unidades de observação. As relações estão contextualizadas especificamente e se alteram ou desaparecem segundo determinados contextos, de tal maneira que se considera o indivíduo a partir da interação com outras partes do contexto relacional em estudo (Lozares, 1996).

O conceito de redes sociais é associado aqui ao conceito de socialização, sendo esse último entendido como algo que decorre do conjunto de redes de relações sociais dos quais os indivíduos participam ao longo das suas trajetórias de vida. A socialização conduz a determinadas práticas oriundas de um processo de interação. Neste estudo, concebe-se que a inserção em determinadas redes sociais pode levar a um tipo de socialização capaz de influenciar a interrupção da vida escolar. A escola é compreendida pela teoria sociológica como um espaço privilegiado para a socialização (Durkheim, 1978; Berger e Luckmann, 1983). No entanto, a relação do jovem com a escola nem sempre acontece de forma a fazer com que ele se sinta inserido no espaço escolar e, portanto, permaneça nele até concluir a educação básica.

Com base na concepção de socialização de Lahire (1997) dá-se destaque às diferenças internas aos modos de vida, às configurações escolares e familiares, por exemplo. É a heterogeneidade das relações sociais que permite a compreensão de um ator plural, resultado de experiências de socialização em contextos sociais múltiplos e heterogêneos, pois durante as trajetórias de vida constantemente são ocupadas posições sociais diferentes em universos sociais variados e isso faz com que o indivíduo esteja submetido a princípios de socialização heterogêneos e, por vezes, contraditórios (Lahire, 1997).

O processo de socialização no qual o indivíduo está submetido tem implicações na coerência dos seus esquemas de ação e nas disposições do *habitus*. É possível ao indivíduo ser socializado a partir da pluralidade e da heterogeneidade de disposições incorporadas. “O ator é produto das suas múltiplas experiências passadas, das múltiplas

aquisições – mais ou menos acabadas – feitas ao longo das situações vividas anteriormente.” (LAHIRE, 2003, p. 73).

O processo de socialização não fica restrito à interiorização de normas (Lahire, 2003). Para Lahire, interessa saber muito mais como se organizam as relações sociais em um processo no qual os indivíduos têm acesso a um conjunto de normas e de instituições e esse processo não tem fim. Estudar a socialização é estudar formas de relações sociais e suas transformações, concebendo-as como relações múltiplas, complexas e que não podem ser compreendidas fora do seu contexto. Tendo em vista a concepção de socialização apresentada, pretende-se compreender a interrupção dos estudos a partir de um tipo específico de socialização que se dá através da inserção em determinadas redes de relações sociais.

Para Lahire, os traços dos indivíduos estão imersos em relações sociais que são provenientes de uma socialização anterior e da forma como as próprias relações sociais mobilizam e atualizam estes laços. Portanto, os traços da personalidade ou do comportamento serão entendidos na medida em que há uma reconstituição dos tecidos de imbricações sociais com os outros.

Na construção teórica e empírica elaborada por Lahire (1997) as redes de interdependência familiar são a base para a construção dos esquemas de percepção que permitem a compreensão do comportamento escolar, objeto de estudo do autor. Identificar diferentes redes nas quais os jovens estão situados aponta para o caráter plural não só do indivíduo como também das relações nas quais está imerso, isto é, nos processos de socialização. Portanto, as redes de relações são indissociáveis da socialização. São múltiplos os espaços pelos quais os indivíduos circulam e, por consequência, há uma multiplicidade também de laços que pode ser desencadeada, pois todos os indivíduos podem ser identificados como ponto de um feixe de pressões que emanam de diversas direções, o que reflete também a inserção em diferentes redes de relações sociais (White, 2008).

A inserção em um conjunto diverso de redes de relações sociais não significa apenas um conjunto de laços instrumentais que implicarão de alguma forma na vida dos indivíduos, pois os laços trazem consigo histórias e, nesse sentido, eles podem ser entendidos como ilhas de significados, que moldam as preferências individuais e as percepções que levam a determinadas posturas sociais (Passy, 2003). As redes sociais são compreendidas por Passy (2003) a partir de uma dimensão socializadora e o que importa em última análise não é a existência ou não do laço, mas o conjunto de

informações que circula neste laço, a forma como foram produzidas e suas implicações a partir do contexto de produção na trajetória dos indivíduos.

### **Perfil dos jovens estudados**

A pesquisa empírica realizada com uma amostragem de 447 estudantes da EJA/ Ensino Médio em Porto Alegre realizada em 2012 indicou que 62,19% dos estudantes tinham entre 18 e 29 anos, portanto, em sua maioria eram jovens; 50,6% eram homens e 49,4% eram mulheres; 69,35% eram brancos e 25,96% eram afro-brasileiros; 69,4% eram solteiros e 66% não tinham filhos; 14,8% dos estudantes não tinham renda individual; 50,1% tinham renda individual de até 3 salários mínimos; 47% dos estudantes possuíam trabalho formal e 46,6% dos estudantes residiam com os pais. Em relação à escolaridade dos pais 32,89% das mães e 26,4% dos pais tinham o ensino fundamental incompleto e 19,69% de mães e 23,04% de pais tinham o ensino médio incompleto. No que se refere à trajetória escolar dos jovens 54,59% concluíram o ensino fundamental em escola regular pública e 18,34% em escola pública de EJA e 12,75% em escola privada de EJA e 51,68% já tinham cursado o Ensino Médio em escola regular.

A repetência escolar é um dos fatores importantes a ser considerado na reflexão sobre a interrupção dos estudos. Dos estudantes que fizeram parte da pesquisa de campo, 65,10% reprovaram durante o Ensino Fundamental, enquanto que 31,54% nunca reprovaram. Dos estudantes que reprovaram no nível fundamental, a maioria passou por essa situação mais de uma vez: 33,33% reprovaram 1 vez; 28,10% reprovaram 2 vezes e 21,57% reprovaram mais de 3 vezes.

Entre os estudantes que estavam cursando o ensino médio no momento da pesquisa, percebeu-se que também houve reprovações nesse nível. Dos alunos pesquisados, 41,16% responderam que já haviam reprovado alguma vez no Ensino Médio, enquanto que 46,76% responderam que nunca haviam reprovado. Não é possível ignorar que muitos dos alunos que responderam ao questionário estavam ainda na primeira etapa do Ensino Médio e, nesse caso, eles ainda não tinham concluído etapa alguma, nem obtido o resultado em relação à aprovação. É significativa também a porcentagem de estudantes que interromperam os estudos (74,50%), ao passo que apenas 22,15% dos entrevistados nunca interromperam os estudos.

Entre os principais motivos que levaram os estudantes a abandonar a escola, foram identificados: o trabalho (33,14%), a falta de tempo (11,53%), o desinteresse pela

escola (13,98%), a gravidez (9,94%), as reprovações (5,76%), tudo isso associado à participação desses estudantes em determinadas redes sociais.

### **A influência das redes sociais nas descontinuidades escolares**

A análise das narrativas dos jovens entrevistados, articulada à pesquisa quantitativa realizada, permitiu identificar que ao longo das suas trajetórias de vida os jovens participam de diversos tipos de redes sociais e essas redes têm a capacidade de exercer influência em diferentes esferas da vida. Nesse momento, analisa-se a inserção dos jovens em redes sociais e a sua relação com as descontinuidades escolares. Por meio das entrevistas realizadas, identificaram-se três tipos de redes que exerceram influência na decisão dos jovens estudados em interromper os estudos. São elas: as redes institucionais, as redes de amizade e as redes familiares.

Para cada um dos tipos de redes sociais apontados existia um conjunto de vínculos (laços) estabelecidos e também um conjunto de recursos que circulava pela rede. Esses recursos é que são capazes de caracterizar a influência da rede, porque ela por si só pode tanto influenciar a inserção, quanto o abandono escolar.

Os indivíduos mobilizam e investem recursos pessoais e sociais ao longo de suas relações, tendo em vista o retorno que isso pode lhes trazer, inclusive as posições sociais que podem decorrer disso. Os recursos sociais são elementos acessíveis por meio dos vínculos diretos e indiretos das redes de relações do indivíduo (Marques, 2010).

Os indivíduos têm uma posição diferenciada na organização da rede de acordo com o tipo, o nível ou a quantidade de recursos que possuem; conforme a direção – vertical ou horizontal – do intercâmbio dos recursos e de acordo com a maneira como ocorre a articulação com quem controla os recursos – formal ou informal. Cada indivíduo representa um nó no entrelaçamento social, e todos esses elementos apontados determinam as características desse nó. Isso significa que a coesão da rede social na qual os jovens participam e o potencial de influência que ela terá sobre o processo de escolarização está relacionado às características dos laços que formam as redes sociais (Marques, 2010).

Os recursos não são necessariamente benefícios a que os jovens têm acesso. Sobretudo, no caso das redes sociais aqui analisadas que podem exercer influência para distanciar os jovens da escola, os recursos podem ser traduzidos em aspectos de caráter negativo, quando analisados considerando a inserção escolar como um valor positivo.

No quadro abaixo pode ser identificada uma síntese com as características dos jovens entrevistados e as redes nas quais estão inseridos. Observa-se que alguns jovens estão inseridos em mais de uma rede social.

Quadro 1 – Atributos pessoais, nós e redes de relações sociais dos jovens entrevistados

Jovem	Sexo	Idade	Estado civil	Filhos	Ocupação	Nós da rede	Escolaridade dos indivíduos que representam os nós	Tipos de rede
Jovem A	Masc.	24	União estável	2	Mecânico de carros	Colegas	Ensino Fundamental	Redes institucionais
						Professores	Curso superior	
Jovem B	Fem.	29	Casada	1	Auxiliar de creche	Amigos	Ensino Fundamental	Redes institucionais Redes de amizade
						Colegas de trabalho	Ensino Médio	
Jovem C	Fem.	20	Solteira	-	Manicure	Mãe	Ensino Médio	Redes familiares Redes institucionais
						Colegas	Ensino Fundamental	
Jovem D	Masc.	20	União estável	-	Auxiliar administrativo	Amigos	Ensino Fundamental incompleto	Redes de amizade
Jovem E	Masc.	23	Solteiro	-	Área de informática	Avó	Ensino Fundamental Incompleto	Redes familiares
Jovem F	Fem.	29	Solteira	-	Faxineira	Chefe	Curso superior	Redes institucionais
						Colegas de trabalho	Ensino Médio	
Jovem H	Masc.	17	Solteiro	-	Atleta	Colegas	Ensino Médio incompleto	Redes institucionais
Jovem J	Fem.	29	União estável	1	Desempregada	Colegas	Ensino Fundamental Incompleto	Redes institucionais
Jovem K	Masc.	29	Solteiro	-	Motorista	Pais	Ensino Fundamental Incompleto	Redes familiares
Jovem L	Fem.	24	União estável	1	Desempregada	Namorado	Ensino Fundamental incompleto	Redes familiares
						Filho	Não estuda	
Jovem M	Fem.	25	Solteira	2	Desempregada	Filho	Não estuda	Redes familiares
						Namorado	Ensino Fundamental Incompleto	

Fonte: Elaborado pela autora



### *Redes de amizades*

As relações com os amigos, nos casos estudados, configuraram-se de maneira a incentivar os jovens a deixarem a escola. Os laços de amizade foram identificados exercendo influência importante na relação dos jovens com a escola. Em situações em que os jovens se referiam aos colegas de escola como amigos eles também foram classificados como vínculos constituintes das redes de amizade.

Os jovens entrevistados associaram a reprovação à falta de vontade de estudar e à constante ausência nas aulas, sobretudo por influência ou pela “má influência” de outros colegas ou amigos. O excerto que segue expressa que a companhia dos amigos, muitas vezes, foi fator decisivo para que os jovens faltassem às aulas e vivenciassem sociabilidades em outros espaços que não a escola.

Mudei [de escola]. Da sétima pra oitava e continuei. [...] Foi ali que eu me compliquei mesmo, porque aí eu comecei a me soltar mais, a me interagir mais, aí eu comecei a me largar, porque eu acho que eu rodei, sem mentira, umas três ou quatro vezes, tudo no primeiro ano. Eu não ia, é que tinha o shopping ali, o Shopping Total, aí eu só queria ir pra shopping. [...] Ficava no shopping com os amigos, não era só eu, então ia muito pela influência. [...] É, a gente ia direto, porque se ia pra escola iam nos ver e iam falar. Então, a gente não chegava nem perto. (Jovem D, homem, 20 anos).

A narrativa da Jovem B também expressa que o desinteresse pela escola foi agravado pela influência de amigos, conforme o excerto a seguir.

Aí arrumei minhas amizades e tudo era motivo pra matar aula. [...] Aí começou, ah, vamos lá no shopping, ah, vamos lá na casa da fulana, ah, vamos lá buscar a cicrana. [...]. Aí já aquela coisa, a amizade do serviço, a amizade do colégio e matar aula, aí eu casei. [...] Eu achava muito cansativo, mas eu queria terminar, só que infelizmente eu fui pelo lado da influência dos maus amigos e não consegui concluir. (Jovem B, mulher, 24 anos)

Os recursos identificados que circulam por entre os vínculos que constituem as redes de amizade podem ser identificados como: a) o exemplo dos amigos no que se refere à postura em relação à escola; b) a influência negativa, como os próprios jovens denominam; c) a irresponsabilidade, já que no momento da entrevista os jovens fizeram uma análise crítica de suas posturas e assim o definiam por diversas vezes; d) a diversão que se sobrepunha ao interesse pela escola, e e) a inserção em novos grupos ou contextos possibilitados pelo relacionamento com esses amigos e que o afastavam da escola.

### *Redes institucionais*

Os laços estabelecidos no âmbito das instituições que os jovens circulam também se apresentaram como importantes para influenciar as discontinuidades

escolares, formando assim as redes institucionais que foram identificadas em dois espaços específicos: a própria escola e o local de trabalho.

Na escola é estabelecido um conjunto de vínculos pelos jovens, os quais podem ser com os colegas, com os professores ou demais funcionários dessa instituição. Percebeu-se que quando os vínculos presentes nesse espaço são fracos (Granovetter, 1973), os jovens enfrentam dificuldades para permanecer na escola, o que é expresso através dos desajustes enfrentados pelos jovens na escola.

As narrativas dos jovens permitiram identificar dificuldades de adaptação no espaço escolar e também relacionadas à aprendizagem. Esse último aspecto pode ser evidenciado na narrativa que segue, quando a Jovem C apontou suas dificuldades de aprendizagem que, em muitos casos, ocasionou problemas de relacionamento com outros colegas.

Tinha dificuldade, acho que eu tava na terceira série, eu fiquei anos.[...] Eu não conseguia. Eu não conseguia me concentrar. [...] Me dava bem [com os colegas], só que tinha sempre aquelas gurias que tinha aquelas turmas e me deixava afastada (Jovem C, mulher, 20 anos).

As dificuldades de aprendizagem nem sempre são diagnosticadas ou resultam em uma postura diferente do estudante em relação à aprendizagem e aos grupos que se formam no interior das turmas. Assim, podem ocorrer situações de exclusão que decorrem dessa dificuldade de adaptação ou das diferenças evidenciadas entre os estudantes.

O desinteresse pela escola, que muitas vezes se constitui como um fator propulsor da evasão escolar, é um fenômeno que pode ser identificado nas mais diferentes realidades escolares. Há uma descrença no efetivo papel da escola quando o que está em jogo são as reais possibilidades de se melhorarem as condições de vida. Instituições como a escola, consideradas até poucos anos atrás como essenciais para a integração e coesão social, estão sendo percebidas com certa descrença pelos jovens em situação de pobreza (Saraví, 2009).

Os jovens entrevistados também esboçaram reclamações sobre a escola, o que se constituía como uma motivação para faltar muito, levando à reprovação ou ao abandono. As reclamações sobre o espaço escolar, no que se refere ao Jovem H, estão muito relacionadas ao contexto social onde a escola está inserida e ao perfil dos colegas, o que gerou um desconforto, por se tratar de uma realidade distinta daquela que o jovem tinha ou imaginava ter. O ambiente escolar tem forte influência sobre a permanência do estudante na escola.

Muito mau o ensino, a escola muito ruim. [...] Ah era muito, muito assim traficante na escola, era uns moleque de morro, assim, que não gostava da gente, que encarava mal a gente, que sempre arrumava confusão pra pegar a gente, sabe?! [...] Na verdade eu fui matriculado em agosto, aí eu vi como era e dificilmente eu ia na escola. É que naquela época eu meio que dei uma desculpa [para o clube] que eu não tinha mais jeito de passar e eles meio que me entenderam. [...] Eu reprovei, aí no ano seguinte eu continuei estudando nessa escola e foi meio que a mesma coisa, porque eu já tinha falado pra eles que eu não queria estudar ali, e que se eles me matriculassem ali eu não ia pra escola. Que eu queria uma escola melhor, porque ali a gente corria um certo risco, porque eram uns moleque meio que maloqueiro e tem uma certa inveja. (Jovem H, homem, 17 anos).

A narrativa do Jovem A também traz indicações nessa mesma direção.

Bah, eu vou te dizer que eu morava numa vila e eles [colegas] moram em outra e sempre tinha briga, entendeu? Mas, quando a gente era pequeno. [...] Na escola eu tinha alguns colegas legais, mas também sofria perseguição, esses negócios. [...] Na verdade eu era... era o que todo mundo dizia... Eu era o mais ajeitadinho, mais bonitinho. (Jovem A, homem, 24 anos)

A falta de identificação com os colegas, por exemplo, em decorrência da faixa etária, pode levar os estudantes a um desconforto no ambiente escolar. Isso, associado a outras causas, tais como dificuldades de aprendizagem, também conduz ao abandono escolar.

Eu parei uma vez na sexta série. [...] Porque os meus colegas eram bem mais novos que eu e aí eles davam risada da minha cara, daí eu tinha vergonha. [...] É que eu tava no regular mesmo e eu tinha vergonha. [...] No primeiro ano [fundamental] eu rodei umas três ou quatro vezes. [...] Tinha muita dificuldade, principalmente em matemática (Jovem F, mulher, 29 anos).

Eu me sentia um peixe fora da água só... Essa foi a maior dificuldade que eu achei" por ser mais velha. (Jovem J, mulher, 29 anos)

Também foi comum encontrar reclamações dos estudantes sobre a forma como as aulas eram conduzidas, sobre os conteúdos ou sobre eventuais problemas com professores, isto é, reclamações sobre o cotidiano escolar. Esse aspecto também foi evidenciado por Dayrell (2014); o autor afirma que os jovens reclamam da postura dos professores que não estabelecem vínculos com os alunos, dos currículos pouco relacionados com o cotidiano ou de um número extenso de disciplinas. Há uma incompreensão entre a “cultura juvenil” e a “cultura escolar”, sendo que a última dificilmente reconhece a primeira (DAYRELL, 2007).

Nem sempre há uma aproximação da equipe da escola com os estudantes e isso pode ser prejudicial para a inserção desses últimos no cotidiano escolar, conforme aponta a narrativa a seguir.

Aí eu comecei só que aí eu acho que eu vi que as matérias estavam sendo muito difíceis no início do ano, mesmo. No entanto, que eu fiquei só três dias aqui [...] aí eu achei tudo muito difícil sabe, química. Tinha até espanhol que

disseram que não teria no 1º ano. Ai eu abandonei, foi no ano passado. Parei total, abandonei, nem avisei eles. Aí eu dei foco nos meus trabalhos, fui trabalhando. [...] Aí nesse ano foi a mesma história, tudo muito difícil, mas daí eu peguei... Só que eu me senti envergonhado porque eu não conhecia ninguém, mas dessa vez eu tomei coragem com a professora que levou... Eu deixei pra traz um ano por causa de uma vergonha, entendeu, de querer entrar em contato com uma pessoa que é a professora. E eu falei pra professora. Bah eu tô achando tudo isso muito difícil, esses dois três dias que eu tô aí de novo. Ela assim: mas por que tu tá achando? Bah, eu nunca vi esses negócios na minha vida, esses cálculos aí da química. Daí ela pegou e olhou meu papelzinho e disse: é aluno novo. Mas, ela: bah, mas tu tá na turma errada. Tá mas que turma eu tô? Tu tá no terceiro ano. Aí eu: ahhhh. Daí ela pegou e me levou para o primeiro e a professora tava dando tudo o que eu conhecia mais ou menos. Daí ela disse que eu talvez tinha parado de estudar no ano passado por causa disso, porque no primeiro ano não tem espanhol e no ano passado eu comecei na turma errada. Eu acho que eu fiz a leitura errado dos papezinhos que tinha na parede, por exemplo, turma tal... porque tinha o meu nome na turma 21. (Jovem A, homem, 24 anos)

Diante de uma realidade de incompreensão, parte dos jovens consegue se inserir na escola e concluir seus estudos. Todavia, uma parcela significativa desses jovens evade.

Pesquisas na área da educação afirmam que um desafio premente para a escola é responder aos anseios dos estudantes, criando práticas educativas menos excludentes e mais capazes de proporcionar uma formação cultural e científica de teor democrático (Haddad, 2001). Outros desafios são a relação professor-aluno, o processo de ensino-aprendizagem e a distância entre o cotidiano e os conhecimentos escolares. Esses aspectos estão muito distantes do universo estudantil da escola de Ensino Médio. Diante disso, os jovens se sentem como “estrangeiros” e procuram acelerar a saída da escola. A escola pode ser tanto um espaço de exclusão, onde os estudantes que não se sentem identificados ou acolhidos evadem, quanto um espaço em que se sentem integrados, reconhecidos e, portanto, encontram motivação para permanecer.

A exclusão escolar não tem sua origem centrada apenas nos processos macrossociais. Além desses aspectos, podem ser apontados aqueles elementos próprios do cotidiano escolar (Dubet, 2003). Assim, é a combinação desses dois processos que contribui para o desencanto com a escola e o conseqüente abandono escolar. Dubet salienta que a exclusão escolar tende a ser vista como um problema relacionado a um determinado espaço, a um conjunto de bairros, estabelecimentos de ensino e estudantes difíceis. A exclusão também indica uma transformação da escola. A relação entre a escola e a sociedade se transformou, e a escola tem um papel de destaque no processo de exclusão, transformando as experiências dos estudantes e abalando o sentido da escolarização.

Para além da instituição escolar, a relação dos jovens com o trabalho ou o local de trabalho também se constitui como um ponto importante para a análise das descontinuidades escolares, pois os jovens muitas vezes têm a necessidade ou o interesse de trabalhar e isso pode afastá-lo da escola.

O distanciamento entre o trabalho e a escola se dá quando não há espaço na vida do jovem para sua inserção nessas duas esferas, sobretudo porque às vezes se torna muito cansativo ou também porque não há incentivo dos colegas de trabalhos ou dos chefes para que os jovens continuem estudando.

Era aquela coisa de computador, sentada, aquela coisa aí [...] não precisava de mais nada... (Jovem B, mulher, 24 anos).

Entre os recursos que circularam pelas redes institucionais pode ser encontrados: a) o desajuste ou inadaptação com a escola; b) distanciamento da escola com a vida dos jovens; c) a não identificação com os colegas, e d) a falta de identificação com os professores.

### *Redes familiares*

As redes familiares das quais os jovens participam são importantes para a compreensão do distanciamento da escola. Entre os vínculos que compõem essas redes podem ser identificados os namorados ou companheiros, os pais e também os filhos.

Além de motivos como o trabalho e o desinteresse pelos estudos, a gravidez é outro fator que distancia as meninas da escola, segundo o que foi identificado nas entrevistas. No entanto, o que ficou evidente nas narrativas das jovens que apontaram a gravidez como um dos motivos para que ocorresse o distanciamento da escola, é que já não havia muita disposição para frequentar o ambiente escolar e a gravidez foi mais um fator para a tomada da decisão de se afastar da escola.

Eu conheci ele [namorado] em outubro de 2007 e engravidei e em março eu perdi. Aí eu já não ia voltar a estudar, porque eu tinha largado em outubro. Depois de dois anos eu engravidei desse de 4 anos e depois de dois anos eu engravidei desse de dois anos. Mas aí não foi com ele. Eu não tava estudando, eu não fazia nada, nada. Esses seis anos que eu conto não fiz nada. (Jovem M, mulher, 25 anos).

Associa-se à gravidez na adolescência o fato de, em algumas situações, os namorados não aprovarem que as meninas estudem e, como elas já não se sentiam identificadas com o espaço da escola, esse acabou sendo um motivo para abandonar os estudos e se dedicar à relação com o namorado.

Eu parei de estudar, porque eu engravidei com 18 anos... Aí eu parei de estudar porque eu morava longe do colégio, ia nas primeiras vezes

caminhando, fui, mas depois sabe quando não dá mais vontade de tu ir? A gente fica grávida, nasce o primeiro filho, aí eu disse “não vou mais estudar”, larguei o colégio de mão, só que daí eu comecei, fiquei com o pai do meu filho e tudo, só que ele não me apoiava pra isso, ele era muito ciumento, então ele não me apoiava pra estudar e muito menos pra trabalhar, queria que eu ficasse em casa de bibelô. Só que daí não dava, ele não me apoiava pra nada e eu acabava desistindo de tudo, sabe? Eu começava uma coisa e aí ele vinha falava um monte de coisa e eu acabava desistindo. Com 20, 21 eu voltei a estudar, não fiquei nem um mês estudando e parei de novo. (Jovem L, mulher, 25 anos).

O comprometimento dos jovens com suas famílias e as responsabilidades que decorrem disso também podem influenciar a interrupção dos estudos. A trajetória de vida do Jovem E foi marcada por uma situação de doença na família e ele ficou afastado da escola para poder auxiliar a família nesse momento.

Eu fiz a opção de escolher poder ajudar a minha vó naquele momento, porque depois ela não estaria mais aqui, tanto é que ela não está mais, mas naquele momento eu senti vontade de fazer isso e depois eu podia voltar e buscar a escola, buscar as coisas pra minha vida mesmo e acredito que foi a melhor escolha que eu poderia ter feito no momento. (Jovem E, homem, 23 anos)

Os rearranjos familiares, às vezes, marcados pela separação dos pais ou por mudanças de cidade também podem afastar os jovens da escola até que suas famílias se reorganizem.

Eu estudava de noite, mas era normal. O primeiro ano foi quando a minha mãe foi morar em Canoas. Daí parou tudo porque tinha que arranjar casa e tudo e aí eu acabei parando o primeiro ano. (Jovem C, mulher, 20 anos)

A falta de incentivo da família, incluindo pais e irmãos mais velhos, para que os jovens estudassem também pode ser associada aos vínculos constituídos no âmbito das redes familiares.

É... Incentivo nunca tive assim pra estudar. (Jovem K, homem, 29 anos)

A falta de incentivo pode ser direta, quando os pais preferem que os filhos trabalhem ao invés de estarem na escola, ou ainda indireta que é quando os jovens não se sentem motivados porque não têm o exemplo de trajetórias escolares mais longas na sua família, nem em relação aos seus pais, nem em relação aos irmãos mais velhos.

Entre os recursos identificados nas redes familiares estão: a) a falta de incentivo dos vínculos que compõem as suas redes familiares; b) o exemplo de distanciamento da escola; c) a dependência dos namorados ou companheiros, e d) a falta de tempo dada à dedicação à família.

## Considerações finais

Este artigo tem como objetivo compreender a influência que as redes de relações sociais nas quais os jovens estão inseridos exerce no processo de interrupção dos estudos. Verificou-se que os vínculos que os jovens constituem ao longo de suas vidas, formando redes sociais, são capazes de influenciar diferentes esferas da vida dos jovens, incluindo a relação com a escola.

A importância que cada tipo de vínculo apresenta nos rumos de cada trajetória de vida depende do contexto em que ele é construído; em outras palavras, o que dá sentido aos laços são as histórias que criam e recriam os vínculos, que permitem aproximações, enfim, que em última instância dão significado às redes de relações sociais (Passy, 2003; White, 2008). Portanto, é preciso analisar as redes individualmente e, assim, identificar em cada contexto o que se apresenta como mais decisivo. Esse foi o exercício realizado ao longo desse artigo.

A análise de redes de relações sociais não considera apenas os atributos dos indivíduos (Marques, 2010), pois o destaque está nas relações constituídas. Entretanto, os atributos podem contribuir para análises dessa natureza, sobretudo a partir do momento em que são identificadas relações homofílicas, isto é, quando as relações são marcadas por laços estabelecidos com indivíduos que possuem atributos semelhantes aos seus. Os vínculos constituídos entre os nós analisados caracterizaram-se por relações homofílicas, pois em todos os casos os indivíduos tinham atributos semelhantes.

As redes sociais concebidas como ilhas de significados (Passy, 2003) dão forma para as preferências e percepções dos jovens, o que se constitui como base para a decisão de interromper os estudos. O conjunto de significados que circunda cada vínculo é capaz de impulsionar a atitude.

As redes sociais nas quais os jovens estabelecem uma interação são capazes não só de construir uma identidade, mas também de torná-la mais sólida (Passy, 2003). Essa identificação inicial com uma pessoa ou um estilo de vida ou não identificação (por exemplo, com a escola) é a condição primeira para iniciar o processo que poderá distanciá-lo da escola; ou seja, a função socializadora das redes (Passy, 2003) engendrará uma disposição inicial para a socialização com outros espaços, influenciado pelos vínculos, afastando-o da escola. As redes de significados não têm a sua importância restrita a proporcionar ambientes que permitam conexões; elas também são

importantes, pois criam uma estrutura de significados que ajuda a manter as pessoas envolvidas com aquilo a que se propõem. Isto é, após uma influência inicial das redes sociais, os indivíduos são capazes de seguir os rumos tomados.

Os laços que formam as redes de relações sociais funcionam como mediadores entre os jovens e a escola, isto é, a inserção em determinados tipos de redes sociais pode produzir motivações que levam os jovens a interromperem os estudos. Em síntese, a influência das redes sociais nas descontinuidades escolares se constitui da seguinte forma: ao longo da vida, o jovem participa de diferentes contextos de interação social e tem contato com indivíduos, construindo vínculos que lhe permitem participar de determinadas redes sociais. Entre os vínculos estabelecidos há a circulação de recursos. O volume e o tipo de recurso que circula nos laços tem a capacidade de determinar o peso que cada rede social terá para influenciar a produção de motivações que será capaz de afastar os jovens da escola.

A concepção de socialização desenvolvida por Lahire, partindo das críticas que dirige à teoria do *habitus* de Bourdieu, sobretudo no que se refere à forma de incorporação das disposições e ao conceito de capital cultural permitiu analisar a relação dos jovens com a escola nesse estudo. Os jovens passam por diferentes processos de socialização ao longo dos seus percursos de vida e a socialização em determinados tipos de redes sociais pode orientar a interrupção dos estudos.

### Referências

ANDRADE, Sandra dos Santos. **Juventude e processos de escolarização: uma abordagem cultural**. 2008. 258 f. Tese (Doutorado), Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

BRASIL. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – 2012**. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresminimos/sinteseindicisociais2012/default\\_tab.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresminimos/sinteseindicisociais2012/default_tab.shtm)>. Acesso em: 20 jan. 2012.

BERGER, Peter L. LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1983.

DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. In: VIEIRA, Maria Manuel. **Escola, jovens e media** (Org.). Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2007.

\_\_\_\_\_. **O Ensino Médio no Brasil e seus desafios: o que dizem os jovens sobre o processo de exclusão escolar**. Disponível em: <[http://www.automacaodeeventos.com.br/sigeventos/sbs2013/inscricao/resumos/0001/PDF\\_trab-aceito-3279-1.pdf](http://www.automacaodeeventos.com.br/sigeventos/sbs2013/inscricao/resumos/0001/PDF_trab-aceito-3279-1.pdf)> Acesso em 14 jan. 2014.

DUBET, François. A escola e a exclusão. **Cadernos de pesquisa**, São Paulo, n. 119, p. 29-45, jul. 2003.



- DURKHEIM, Emile. **Educação e sociologia**. São Paulo: Melhoramentos, 1978.
- GRANOVETTER, M. A. The strength of weak ties. **American journal of sociology**, Chicago, v.78, n. 6, p. 1360-80, 1973.
- GOHN, Maria da Glória. Sociologia da educação: campo de conhecimento e novas temáticas. *Educação & Linguagem*, São Paulo, v. 15, n. 26, p. 95-117, jun.-dez. 2012.
- LAHIRE, Bernard. **Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável**. São Paulo: Ática, 1997.
- \_\_\_\_\_. **O homem plural: as molas da acção**. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.
- LOZARES, Carlos. La teoria de redes sociales. **Papers**, Barcelona, n. 48, p. 103-126, 1996. Disponível em: <<http://seneca.uab.es/antropologia/jlm/ars/paperscarlos.rtf>> Acesso em: 25 jun. 2011.
- HADDAD, Sérgio. Prefácio. In: CORTI, Ana Paula; FREITAS, Maria Virgínia de; SPÓSITO, Marília Pontes. **O encontro das culturas juvenis com a escola**. São Paulo: Ação educativa, 2001.
- MARQUES, Eduardo. **Redes sociais, segregação e pobreza em São Paulo**. São Paulo: Unesp; Centro de Estudos da Metrópole, 2010.
- PASSY, Florence. Social networks matter: but how? In.: DIANI, Mario. MCADAM, Doug. **Social movements and networks: relational approaches to collective action**. Oxford: Oxford University Press, 2003.
- SARAVÍ, Gonzalo. A. Juventud y sentidos de pertenencia en América Latina: causas y riesgos de la fragmentación social. **Revista Cepal**, Santiago, n. 98, p. 47-65, ago. 2009.
- STEINER, Philippe. **A Sociologia Econômica**. São Paulo: Atlas, 2006.
- WHITE, Harrison C. **Identity & control: how social formations emerge**. New Jersey: Princeton, 2008.